

A CASA DOS BICOS: ESTUDO ARQUEOLÓGICO DE UM ESPAÇO E QUOTIDIANO PALACIANO NA LISBOA RIBEIRINHA (SÉCULOS XVI-XVIII). ANÁLISE PRELIMINAR.

Inês Pinto Coelho / Bolseira de Doutoramento da FCT / Investigadora do CHAM – FCSH / UNL | UAÇ / inespintocoelho@fcs.unl.pt

RESUMO

Os trabalhos arqueológicos realizados na Casa dos Bicos revelaram contextos da Idade Moderna, fundamentais para o estudo do quotidiano da época e da região. É através da análise dos dados provenientes dessas intervenções que se procura integrar o edifício no urbanismo da cidade de Lisboa, compreender a sua arquitectura enquanto espaço social e perceber de que forma a cultura material influenciou o modo de viver dos seus habitantes.

O presente tema integra o projecto de doutoramento da autora, que se iniciou em Abril de 2012 e, portanto, este é ainda um trabalho em curso, iniciado recentemente, pelo que, para além das problemáticas que se pretendem investigar, serão apresentados somente os resultados preliminares, até ao momento obtidos.

ABSTRACT

The archaeological work conducted since the early 1980's, in *Casa dos Bicos*, revealed several contexts, essentials to the study of the everyday life of the region at that time. With this work, through the study of the Early-Modern materials, we aim to understand this House in the urban structure of Lisbon, its architecture as a social space, and to realize the influence of material culture in the construction of the daily life of its inhabitants.

The present theme integrates the authoress PhD project which began on April 2012. This is a work in progress recently started; besides the problematic that we intent to investigate in this paper will be presented only the preliminary results obtained at the moment.

1. INTRODUÇÃO

No século XVI Lisboa tornou-se numa das mais movimentadas cidades da Europa, devido ao aumento do volume de mercadorias que aí aportavam, provenientes de todo o mundo através das novas rotas oceânicas. Esta época foi de reforma do espaço urbano, através da construção de edifícios de grandes dimensões, aptos a apoiar as mais variadas actividades do comércio ultramarino e a enobrecer o poder real. Estas obras irão espelhar a importância da ligação “cidade-rio”, deslocando o centro político e económico da capital para o espaço ribeirinho. Paralelamente assistiu-se a um importante surto de construção de espaços habitacionais aristocráticos, dos quais se destaca a Casa dos Bicos, edifício ímpar

no contexto urbano português mandado construir pela família Albuquerque, durante o século XVI.

Entre 1981/1982, a Casa dos Bicos foi alvo de intervenções arqueológicas com o objectivo de adaptar o edifício a um dos cinco núcleos da *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*. A intervenção permitiu recuperar um número significativo de artefactos e colocar a descoberto um conjunto de estruturas que remontam à época romana, uma parte da *Cerca Moura* e, sobretudo, uma parcela do piso original da sala central da loja da casa quinhentista, vestígios do alçado traseiro, para além das demais fachadas da loja e sobreloja, que subsistiram ao terramoto de 1755 (AAVV, 2002, pp. 11; 19-26).

A Casa dos Bicos, situada junto ao Campo das Cebo-las, no bairro da Sé, em Alfama, comunica, na sua

fachada Norte, com a rua Afonso de Albuquerque e, na Sul, com a rua dos Bacalhoeiros. Destaca-se ainda hoje na paisagem da antiga frente ribeirinha de Lisboa, como um dos escassos vestígios de edifícios habitacionais que permaneceram da cidade quinhentista. Ela é citada por autores nacionais e estrangeiros e surge nas mais antigas representações da cidade, de que é exemplo o painel de azulejos do Museu da Cidade ou no painel do *Grande Panorama de Lisboa* (Museu Nacional do Azulejo) (Figura 1).

Apesar do mau estado de preservação, o edifício foi classificado como Monumento Nacional em Junho de 1910 e, em 1955, foi adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa (Amaro, 1982, p. 96) que para ali concebeu um conjunto de projectos relacionados com a cultura luso-oriental, que acabaram por não se concretizar (AAVV, 2002). Foi também ali instalada a sede da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses até à sua extinção em 2002. Desde 2008, a Casa dos Bicos alberga a Fundação José Saramago.

2. ESTADO DA QUESTÃO E PROBLEMÁTICAS DE INVESTIGAÇÃO

A historiografia acerca da cidade de Lisboa e do seu quotidiano no período da expansão marítima portuguesa é extensa, incluindo estudos clássicos (como o de Castilho, 1893) e contributos mais recentes (Moita, 1983; Castelo-Branco, 1990; Moita [coord.], 1994). De um modo geral, estes trabalhos evidenciam Lisboa como um dos principais portos do comércio mundial durante a Idade Moderna e permitem obter conhecimento sobre o espaço urbano e edifícios de maior destaque. São ainda de realçar os trabalhos que se têm debruçado sobre a transformação da zona ribeirinha, tendo em conta a organização funcional dos seus espaços e as arquitecturas nela erguidas (Carita, 1999; Senos, 2002 e Caetano, 2004).

Na segunda metade do século XX ocorreu uma renovação da investigação sobre a evolução histórica e urbanística da zona ribeirinha, numa perspectiva de análise diacrónica, merecendo destaque os trabalhos de Irisalva Moita e de Iria Gonçalves, nos campos da história e da arqueologia (Moita, 1994; Gonçalves, 1996). São ainda de realçar alguns estudos que incidem sobre a dinâmica de ocupação dos espaços aristocráticos, em particular na zona da Ribeira, dando ênfase à influência de objectos “raros” e “exóticos” na sociedade (Gschwend, 1998, pp. 123-141).

Menos conhecido é o impacto das transformações urbanas, económicas e culturais no quotidiano das populações, sendo neste ponto fontes essenciais as descrições coevas (como Góis, 1988) e os relatos de viagens (Santos, Rodrigues e Nogueira, 1996), estes últimos reveladores da visão dos estrangeiros sobre a sociedade e os seus costumes. As fontes escritas são, em todo o caso, bastante limitadas, impedindo traçar um quadro completo desta realidade.

Durante o século XVI surgem as primeiras notícias que referem o interesse de alguns eruditos pelo remanescente arquitectónico de ruínas soterradas no subsolo da cidade de Lisboa; contudo, só aquando das obras de reurbanização pombalina, após o Terramoto de 1755, este interesse veio a demonstrar-se de forma mais evidente (Bugalhão, 2008, p. 218). A partir da década de 1960 realiza-se a primeira intervenção arqueológica em Lisboa sobre vestígios modernos, nas ruínas do grande edifício do Hospital Real de Todos-os-Santos, aquando das obras de construção do Metropolitano da Praça da Figueira (Moita, 1964/66).

Em 1980, com a criação do Instituto Português do Património Cultural, retomam-se os trabalhos arqueológicos na cidade, com as referidas escavações na Casa dos Bicos, dirigidas por Clementino Amaro (Amaro, 1985, pp. 143-154; Silva e Guinote, 1998, p. 46) e simultaneamente surgem diversas equipas integradas em intervenções de salvaguarda e de investigação em outras áreas urbanas do país (Barreira, Dórdio & Teixeira, 1998, pp. 145-184; Sousa, 2012). Ao longo das últimas décadas, tem sido possível reforçar a imagem de Lisboa como cidade marítima e a sua transformação associada às descobertas, evidências para as quais têm contribuído os trabalhos de arqueologia subaquática, através do estudo dos destroços de uma nau da Carreira da Índia, a presumível *Nossa Senhora dos Mártires*, que naufragou ao largo de S. Julião da Barra, em 1606 (AAVV, 1998; Coelho, 2008); e de arqueologia náutica e portuária, de que são exemplos vestígios de embarcações e de estruturas portuárias colocadas a descoberto no âmbito de intervenções ocorridas na zona ribeirinha de Lisboa (Bugalhão, 2005, pp. 151-154).

No domínio das estruturas palatinas, refiram-se o Hospital Real de Todos-os-Santos (Moita, 1964-66), o Palácio dos Marqueses de Marialva (Marques e Fernandes, 2006), ou o Palácio dos Corte-Real (Sabrosa, 2008, pp. 109-142). Quanto à Casa dos Bicos, a par de abundante documentação escrita e

do remanescente arquitetónico, já analisados brevemente (Carita, Conceição e Pimentel, 1983), os materiais ali exumados constituem uma oportunidade única para aprofundar o conhecimento sobre as origens, os modelos de construção e o quotidiano da nobreza lisboeta, entre os séculos XVI e XVIII. Apesar destes avanços e das inúmeras intervenções, inclusive em contextos palacianos, a arqueologia ainda não deu o contributo que poderia para a história da cidade de Lisboa desta época, face ao potencial e à boa preservação de muitos contextos arqueológicos escavados.

O presente trabalho integra o projecto de doutoramento intitulado “A Casa dos Bicos: estudo arqueológico de um espaço e quotidiano palaciano na Lisboa ribeirinha (séculos XVI-XVIII)”, que se encontra a decorrer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), cuja instituição de acolhimento é o Centro de História de Além-Mar (CHAM-FCSH/UNL|UAç). O espólio em estudo encontra-se depositado no Museu da Cidade, desde 1982, e tem sido alvo de trabalhos académicos e trabalhos científicos. De um modo geral, o estudo de colecções arqueológicas recuperadas no âmbito de intervenções realizadas no passado levanta algumas questões que poderão ter um impacto no decorrer de projectos de investigação que visam a sua divulgação e valorização. Por um lado, um dos aspectos a realçar diz respeito à disponibilização da documentação de campo, sendo de extrema importância que esteja contemplada nos relatórios entregues às instituições que tutelam o património ou, em alternativa, que o acesso à mesma seja garantido pelos responsáveis pelas escavações. Por outro lado, outro aspecto relevante diz respeito à importância da referência dos materiais, que tem de ser preservada em condições adequadas, considerando que o manuseamento sucessivo e sem controlo poderá implicar a deturpação e até mesmo, nalguns casos, a perda total de informação. Actualmente, o estudo decorre no Centro de Arqueologia de Lisboa, onde se tem procedido à lavagem e registo do espólio. Paralelamente têm-se procedido à recolha e análise de bibliografia sobre o tema e iniciou-se, em Abril deste ano, o estudo dos materiais, assim como a análise/interpretação dos respectivos contextos. Neste quadro este projecto surge com o objectivo de contribuir para um melhor conhecimento do quotidiano lisboeta na época da expansão a par-

tir dos dados arqueológicos, mas numa perspectiva integrada de análise de fontes escritas, cartográficas e iconográficas. Elegem-se, por isso, três problemáticas de análise essenciais: a integração da Casa dos Bicos no urbanismo de Lisboa, a arquitectura da Casa enquanto espaço social e a influência da cultura material na construção do quotidiano dos seus habitantes.

2.1. A Casa dos Bicos no Urbanismo de Lisboa

No que diz respeito à integração da Casa dos Bicos no urbanismo de Lisboa, compreender-se-á de que forma esta habitação e os restantes edifícios seus coetâneos acompanharam o movimento de passagem do centro político do país, do Castelo de S. Jorge para a zona da Ribeira (Carita, 1999). A construção deste edifício, entre 1521 e 1523, por Brás de Albuquerque (filho de Afonso de Albuquerque, 2.º Governador da Índia, 1509-1515), enquadrou-se num movimento de reformulação e ampliação da cidade em direcção ao Tejo, tal como é demonstrado pela edificação de um novo palácio real, o Paço da Ribeira, que substituiu definitivamente a antiga Alcáçova como residência régia (Senos, 2002).

Quando D. Manuel I sobe ao trono, está perante uma cidade com características medievais (Pereira, 1995, p. 70). Nesse sentido, o seu projecto arquitectónico de reordenamento da cidade de Lisboa teve como princípio básico a criação de uma nova imagem urbana que acompanhasse o crescente afluxo de bens e de gentes à cidade, iniciado durante o advento da expansão portuguesa (Carita, 1999, p. 63; Senos, 2002). Destruindo ou aproveitando antigos troços da Cerca Fernandina, esta campanha de obras englobou o alargamento de um conjunto de vias e a construção de novas ruas e a edificação de novos edifícios e habitações, que cresceram sobretudo na frente ribeirinha da cidade, destinados a alguns membros da nobreza e de uma nova burguesia enriquecida, numa tentativa de acompanhar o monarca (Pereira, 1995, p. 77). Esta situação manteve-se até ao Terramoto de 1755, após o qual questões relacionadas com epidemias e dificuldades de acesso e circulação, bem como condicionamentos de índole política, social e cultural implicaram a passagem dos grupos sociais mais abastados para Ocidente, reservando-se a zona da Ribeira para as actividades comerciais (Amaro, 1982, p. 109).

2.2. A Casa dos Bicos, arquitectura e espaço social

Da primitiva estrutura da Casa dos Bicos persistiu até aos nossos dias a fachada da loja e sobreloja, um

portal quinhentista, que supostamente daria acesso a uma escada pública junto à empena nascente, a parte inferior da ombreira do portal manuelino que dava acesso ao pátio interior, um pavimento em espinha e vestígios de um outro pavimento em tijoleira, ambos situados no rés-do-chão (Amaro, 1982, pp. 106-110). Do ponto de vista arquitectónico a Casa dos Bicos era composta por quatro pisos, dois superiores e dois térreos, implantados no declive da colina. Apesar de pequena, quando comparada com os palácios vizinhos, marcou desde sempre a fisionomia da cidade. A sua fachada Sul, virada para o Tejo, apresentava uma malha de bicos talhados em forma de diamante (AAVV, 2002, pp. 28-41). A originalidade da sua estrutura parietal terá sido inspirada pela viagem que Brás de Albuquerque fez a Itália (Paolleti, Radke, 2005³, p. 343) no ano de 1521, quando integrou a armada que acompanhou a Infanta D. Beatriz (1504-1538), filha de D. Manuel I e de D. Maria (1428-1571), para esta contrair matrimónio com Carlos III, duque de Sabóia.

Organizada em torno de um pátio interior orientado a norte, onde seria a entrada nobre, a Casa era composta por loja, sobreloja e dois andares. Com o Terramoto de 1755, ela perdeu os dois pisos superiores, ficando reduzida aos inferiores, loja e sobreloja, desaparecendo por completo o pátio interior e, com este, a primitiva estrutura e disposição espacial da habitação. Neste tipo de edifícios, os pisos superiores seriam destinados à intimidade e vida social dos proprietários, enquanto, nos pisos térreos, as *lógias*, abertas para um dos lados exteriores (Senos, 2002, p. 117-118, 191), seriam as divisões destinadas ao armazenamento e ao alojamento dos criados que serviam a casa.

2.3. A cultura material na construção do quotidiano

Os artefactos podem constituir uma evidência da utilização de um espaço e, simultaneamente, reflectir o estatuto social, assim como, o género dos seus antigos proprietários e ocupantes (Gerrard, Gutiérrez, Vince, 1995).

Na passagem do século XV para o século XVI, com o incremento da expansão marítima, as cerâmicas e outros materiais revelam o desenvolvimento comercial da cidade e a intensificação do tráfico marítimo. A cerâmica comum, a vidrada e a modelada eram a loiça mais acessível à generalidade da população, revelando os aspectos mais elementares do quotidiano, carecendo-se ainda de estudos quanto aos centros de produção nacionais, restritos a um escasso número de jazidas intervencionadas

(Torres, 2005; cit. por Sebastian, 2010) que não permitem ter uma visão global desta actividade.

Já os materiais exógenos são reveladores dos contactos comerciais e gostos da sociedade portuguesa destas épocas. Entre os séculos XIV e XV, as cerâmicas de importação estão muito restritas ao levante hispânico, e algumas produções cerâmicas provenientes da região de Bordéus. As trocas comerciais do século XV e XVI irão trazer-nos as majólicas italianas. Na mesma época, mas sobretudo na segunda metade do século, surgem as peças de porcelana chinesa, bem como objectos provenientes de outras regiões do Índico (Silva e Guinote, 1998, pp. 71-79). Do mesmo modo, surgem-nos também cachimbos; sabe-se que entre o final do século XVI e o século XVII, a utilização dos cachimbos em caulino superava o consumo de tabaco enrolado (Silva, Guinote, 1998, p. 88) tendo-se desenvolvido, nos Países Baixos e em Inglaterra, uma indústria artesanal destinada à sua produção (Leclaire, 1986, pp. 21-44). Em Portugal o seu achado é comum, quer em contextos urbanos (Silva, Guinote, 1998, p. 89; Martins, 1988, pp. 16-18), quer em sítios de ancoradouro ou naufrágio (Bettencourt, Carvalho, 2011, pp. 139-152).

Nos trabalhos arqueológicos realizados na Casa dos Bicos, os depósitos da Idade Moderna revelaram diversas categorias de materiais, algumas das quais foram já publicadas por outros autores (Silva e Guinote, 1998, pp. 98-115; 124-125; 152-153 e 170-171). Entre os artefactos que comporiam o quotidiano dos seus habitantes destacam-se o espólio cerâmico – cerâmica comum de uso quotidiano (loiça de mesa, loiça de cozinha e loiça destinada ao transporte e armazenamento de líquidos e sólidos), vidrada, modelada, faiança e cerâmica importada (entre as quais majólicas e porcelana chinesa) – materiais em ferro, peças em liga de cobre (tais como dedais) e materiais em vidro (Figura 2). No que diz respeito aos últimos, nomeadamente a um significativo conjunto de garrafas, em particular, estão em curso análises químicas a vestígios sólidos encontrados no seu interior, com o intuito de os identificar.

3. CONCLUSÕES

Contexto fundamental para o conhecimento da história da zona ribeirinha da cidade e do próprio processo da expansão marítima, a Casa dos Bicos é um exemplo simbólico e importante de uma casa apalaçada quinhentista de Lisboa, permitindo o seu

estudo depreender as influências culturais sofridas na época pelas relações comerciais estabelecidas, evidentes, desde logo, na arquitectura do edifício, e no substrato de origem moderna, visível na utilidade dos diversos pisos.

Mais do que um estudo sobre dos contextos arqueológicos e dos artefactos a estes associados, o presente trabalho é, sobretudo, sobre as pessoas que os adquiriram e utilizaram. Este projecto pretende assim ligar a micro-história do quotidiano com a macro-história da expansão portuguesa.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece ao Dr. Clementino Amaro a disponibilização da documentação das intervenções; aos funcionários do Museu da Cidade a disponibilidade prestada desde sempre e, a Jacinta Bugalhão, José Bettencourt e João Coelho as sugestões e a revisão final do texto.

BIBLIOGRAFIA

AAVV. (1998) – *Nossa Senhora dos Mártires – a última viagem*. Lisboa: EXPO'98 – Pavilhão de Portugal, Verbo, 279p.

AAVV. (2002) – *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

AMARO, Clementino (1982) – Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. In *Arqueologia*. Porto. 6, p. 96-111.

AMARO, Clementino (1985) – Casa dos Bicos – A Cidade e a Arqueologia. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Setúbal: Instituto Português do Património Cultural, pp. 143-154.

BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia (2011) – A história submersa da baía da Horta: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos no «naufrágio do marfim» (primeiro quartel do século XVIII). *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 139-152.

BUGALHÃO, Jacinta (2005) – Lisboa “Sempre” Ribeirinha in *Almadã*, 13, II Série. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 151-154.

BUGALHÃO, Jacinta (2008) – Lisboa e a sua Arqueologia: uma realidade em mudança. In *Era Arqueologia – revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*. Lisboa. 8. pp. 217-230.

CAETANO, Carlos (2004) – *A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa, Séculos XV a XVIII*. Lisboa: Pandora, 285p.

CARITA, Hélder; CONCEIÇÃO, João Paulo; PIMENTEL, Miguel (1983) – *Elementos para um Estudo da Casa dos Bicos*. Lisboa: Pisa Babel, 73p.

CARITA, Hélder (1999) – *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*. Lisboa: Livros Horizonte, 255p.

CARVALHO, Cátia e RIBEIRO, Madalena (2009) – Índia: Governadores e Vice-Reis (Listagens). [Consult. a 2 Setembro 2013]. Disponível em WWW:URL:<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/>.

CASTILHO, Júlio de (1893) – *A Ribeira de Lisboa: Descrição Histórica da Margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional, 334p.

CASTELO-BRANCO, Fernando (1990) – *Lisboa Seiscentista*, 4.ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 262p.

COELHO, Inês Pinto (2008) – *A cerâmica oriental da Carreira da Índia no contexto da carga de uma nau – a presumível «Nossa Senhora dos Mártires»*. Teste de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado.

GERRARD, Christopher, GUTIÉRREZ, Alexandra; VINCE, Alan (1995), *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles/Cerâmica medieval espanhola en España y en las Islas Británicas*. Oxford: Tempos Reparatum (Bar International Series, 610), pp. 371-374.

GÓIS, Damião de (1988) – *Descrição da cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 83p.

GONÇALVES, Iria (1996) – *Um olhar Sobre a Cidade Medieval*. Cascais: Patrimonia, 266p.

GSCHWEND, Anne-Marie Jordan (1998) – Produtos exóticos da carreira da Índia e o papel da corte portuguesa na sua difusão. In SIMONETA, Luz Afonso; D'INTINO, Raffaella; SOROMENHO, Miguel, dirs. – *Nossa Senhora dos Mártires – a última viagem*. Lisboa: EXPO'98 e Verbo, pp. 123-141.

LECLAIRE, André ; LECLARIRE, Mariette (1986) – *Naissance de La Pipe en Terre a Saint – Quentin – La – Poterie*. Tome I : Tradition et Activité e Tome II : Fabrication et Production. Avignon: Atelier de L'Office Culturel.

MARQUES, António; FERNANDES, Lídia (2006) – O Palácio dos Marqueses de Marialva. Intervenção Arqueológica na Praça Luís de Camões (Lisboa, 1999-2000). In *Revista Estudos e Património*. Lisboa. 9, pp. 195-212.

MOITA, Irisalva (1964-66), *Hospital Real de Todos-os-Santos* [Policopiado]: relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960 [nº 101/102 (1964), 104/105 (1965), 106/107 (1965), 108/109 (1966), 110/111 (1966) da Revista Municipal]. Lisboa.

MOITA, Irisalva, org. (1983) – *Lisboa Quinhentista: a imagem e a vida da cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 265p.

MOITA, Irisalva, coord. (1994) – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Exp098/L94/ Livros Horizonte, 527p.

PAOLETTI, John; RADKE, Gary (2005) – *Art in Renaissance Italy*, 3.ª edição. United Kingdom: Laurence King Publishing, 567p.

PEREIRA, Paulo, dir. (1995) – *História da Arte Portuguesa*, Volume 2. Lisboa: Círculo de Leitores.

SABROSA, Armando (2008) – *As Faianças da Casa Côrte-Real*, Largo do Corpo Santo, Lisboa. *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 109-142.

SANTOS, Piedade Braga; RODRIGUES, Teresa; NOGUEIRA, Margarida Sá, (1987) – *Lisboa Setecentista vista por estrangeiros*. Lisboa: Livros Horizonte, 86p.

SEBASTIAN, Luís (2010) – *A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentada na

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado.

SENOS, Nuno (2002) – *O Paço da Ribeira. 1501-1581*. Lisboa: Notícias, 262p.

SILVA, Rodrigo Banha da; GUINOTE, Paulo (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 285p.

TORRES, Cláudio (2005) – *A Olaria da Mata da Machado. Cerâmicas dos Séculos XV-XVI*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro.



Figura 1 – a) Imagem da Ribeira Velha, datada de inícios do século XVIII, antes do Terramoto de 1755, onde podemos ver a Casa dos Bicos, entre os demais edificios seus vizinhos (Museu da Cidade, MC.AZU.PF.59, <http://www.museudacidade.pt/Colecoes/Azulejaria/Paginas/Mercado-da-Ribeira-Velha.aspx>) | b) Pormenor da Casa dos Bicos representada no painel de azulejos do Grande Panorama de Lisboa (Museu Nacional do Azulejo, Gabriel Barco, c.1700).



Figura 2 – Amostragem de alguns dos artefactos que fazem parte do núcleo de materiais em estudo.